

## LIVROS E REVISTAS

GEORGE W. HOFFMAN e FRED WARNER NEAL. *Yugoslavia and the New Communism*. Twentieth Century Fund. Nova York, 1962.

A experiência do socialismo iugoslavo vem despertando interêsse crescente no mundo ocidental, não só pela singular posição assumida por Tito diante do bloco soviético, como pela originalidade das inovações ideológicas e institucionais que ela vem claborando.

É assim de grande interêsse o presente estudo da Twentieth Century Fund, que tomou a iniciativa de enviar *in loco* os dois autores, especialistas no assunto, professores universitários que souberam libertar-se suficientemente de categorias ocidentais para procurar compreender a realidade que estudaram. Sua tarefa foi facilitada pelo fato de encontrarem livre trânsito para suas observações.

O primeiro capítulo introduz o leitor nas coordenadas espaciais e temporais em que se vai desenrolar o drama iugoslavo: a geografia do país, a composição e a história do seu povo, até sua constituição em Estado independente. A seqüência da obra se distribui

em três tempos sucessivos: o comunismo iugoslavo de estilo soviético, antes da ruptura do Kominform, em 1948, a emergência do titoísmo, e a análise do titoísmo como sistema, seus impactos e seus problemas.

O que intriga o observador ocidental com relação à Iugoslávia é a singularidade da atitude que assumiu em face da URSS. Para compreendê-la, é preciso ter presente o fato histórico de que, diversamente do que aconteceu com os demais países satélites, a Iugoslávia se libertou da ocupação nazista por suas próprias forças, inclusive com auxílio dos aliados ocidentais. A entrada das tropas soviéticas em Belgrado foi apenas a consumação de uma vitória que o povo tinha conquistado com seu sangue. Tanto este povo como seus líderes nunca tiveram consciência de dever sua libertação à URSS. Esta, por sua vez, nas relações com a Iugoslávia, não revelou bastante sensibilidade para esta posição singular. Pretendeu tratar sempre o país como qualquer outro satélite; suas tropas de ocupação assumiam atitudes acintosas que feriam profundamente os brios nacionais; nas relações comerciais e econômicas, a URSS se reser-

vava a parte do leão, como no caso das duas companhias, a "Justa" para transportes aéreos e a "Juspad" para a navegação no Danúbio. STALIN interferia sempre com rudeza em negócios internos, como nas relações da Iugoslávia com os outros países do bloco socialista.

A tensão evoluiu até a ruptura com a condenação lançada pelo Kominform, reunido em 1948 em Bucarest, sob a pressão de STALIN. A medida foi um rude golpe para a Iugoslávia, que se considerava modelo de socialismo marxista-leninista. A condenação propiciou à URSS a justificativa de decretar o bloqueio econômico da Iugoslávia, que dependia quase totalmente, em suas importações e exportações, da URSS e dos demais países do bloco socialista. É estranho que a URSS não tenha então chegado à ocupação militar, como faria, anos depois, com a Hungria. Provavelmente porque não se sentia segura contra uma eventual intromissão do Ocidente. Mas a experiência lhe valeu de lição para, em 1956, tratar de outro modo a Hungria.

No desespero do bloqueio, TITO tentou um apelo ao Ocidente, que, com surpresa para ele, o atendeu. O que foi a sua salvação. A partir deste momento, a Iugoslávia sentia-se mais segura para realizar o seu tipo próprio de socialismo, o tipo titoiista. De início, os líderes TITO, KARDELJ, RANKOVIC e o próprio DJILAS não viam bem claro o caminho a seguir. Pressentiam confusamente que era um caminho intermediário entre as democracias ocidentais e o socialismo soviético, mais perto deste que daquelas. Duas tendências, entretanto, se foram formando: uma

descentralização crescente do poder; e uma competência sempre maior atribuída às comunidades. A primeira, na interpretação dos teóricos iugoslavos, representa a única fórmula sincera de precipitar a evolução dialética tendente ao depercimento progressivo do Estado, e de se aproximar da forma final, prevista por MARX, na qual a simples administração das coisas sucederá ao governo das pessoas. A segunda é, talvez, o aspeto mais original da experiência iugoslava, e a tornaria uma experiência válida para as democracias ocidentais; seria mesmo uma experiência de tipo solidarista de uma democracia social e econômica, se não fosse falseada pelo domínio, mais discreto porém enérgico, do partido único, a Liga dos Comunistas da Iugoslávia. A posição dos membros do P.C., que ocupam todos os postos de comando e reservam-se vantagens e privilégios, foi objeto da crítica violenta de DJILAS, o que lhe valeu, enfim, a prisão.

A experiência iugoslava poderá evoluir para um tipo novo de estrutura socialista. Poderá vir a constituir mesmo nova forma de socialismo. Entretanto, ainda conserva total fidelidade doutrinária ao marxismo-leninismo, e não pretende abrir mão tão cedo da hegemonia do partido único.

É difícil prever o desfecho desta experiência ainda em elaboração. Certo é que é digna do maior interesse, inclusive pelo fato de exercer certa força de sedução sobre países novos que se encaminham para uma linha socialista. A experiência iugoslava criou um tipo novo de relacionamento de um país socialista com outros e com as democracias ocidentais. O jogo

de relações no plano internacional foi profundamente modificado pela emergência do fenômeno titoísta. Entretanto, a possibilidade histórica de chegar a experiência a realizar-se em plenitude é ameaçada pelo fato de depender demais de um chefe. Há um dos grandes riscos dos regimes totalitários. Não podemos deixar, porém, de admirar a personalidade política de um país que soube enfrentar o imperialismo soviético, que vem tentando uma experiência mais humana e comunitária, e que, sob a força deste ideal, soube fundir facções étnicas e religiosas que, havia séculos, viviam em contínuas lutas, e violentas retaliações. — *Pe. Fernando Bastos de Ávila, S. J.*

VÁRIOS AUTORES. *The United States and Latin America*. The American Assembly Columbia University. Edição de HERBERT L. MATTHEWS. Washington, 1959.

*The United States and Latin America* visa a apresentar uma análise que permita a compreensão da América Latina e das suas relações com os Estados Unidos.

O próprio editor confessa no prefácio que estas relações são de grande importância, já que a América Latina se impõe aos Estados Unidos como uma questão de sobrevivência, pois representa mercado e fonte de matérias-primas extremamente ricas. Ao longo do livro, este mesmo ponto-de-vista é constantemente repetido. Sem a antiga capa de protecionismo, a realidade surge mais coerente: é necessário, por motivos políticos e econômicos, manter relações amigáveis

com os povos da América Latina.

Entretanto, o que nos interessa, propriamente, ao examinarmos o livro, não é o ponto em que se encontra a problemática acima mencionada, e sim a maneira pela qual os diversos articulistas examinam o problema: se o fazem objetivamente, ou se, por outro lado, dão vazão a julgamentos de valor e a interpretações unilaterais. Além disso, interessa-nos ainda saber a veracidade das afirmações contidas, pois os enganos, quando se fala da América Latina, são frequentes e flagrantes.

O primeiro capítulo denomina-se "Apreciação da América Latina". Enquanto a examina em relação aos seus recursos naturais, sua localização geográfica, seu nível de vida, educação, povo, religião, etc., é bom, completo e atualizado. Elaborado segundo um prisma científico, vale dizer, objetivo. Todavia, a partir do subtítulo "Liderança", tema que possui uma carga emocional maior, saímos do objetivismo e colhemos os primeiros frutos do chamado subjetivismo. Entre outros absurdos (que no caso poderão ser considerados como pontos-de-vista), o leitor poderá ficar sabendo que, se as relações dos empreendedores americanos com os brasileiros não são boas, se o capital americano não é bem visto, isto se deve exclusivamente a valores éticos e estéticos. Deve-se ao fato de o americano, quando em serviço, dar maior importância à eficiência e às relações impessoais do que à amizade e à camaradagem, tão do gosto do brasileiro...

O segundo capítulo tem por título "Mudança Política na Amé-

rica Latina". Propõe-se examinar as semelhanças e as diferenças políticas existentes entre os diversos países da América Latina, a constituição dos partidos, os grupos de pressão, etc. São boas as noções gerais fornecidas sobre êsses temas, mas a parte destinada à análise apresenta grandes falhas. Encontramos com frequência afirmações do tipo: "os caudillos tomaram o poder dos *caciques* locais". Esta insistência, por parte de K. H. SILVERT, em utilizar a denominação *cacique* para todos os governantes, nos faz crer que, na realidade, êle desconhece o significado exato do termo. Além disso, as partes relativas ao Brasil são, via-de-regra, fracas e incompletas. Talvez seja lícito pensar que também para um venezuelano, por exemplo, a parte sobre a Venezuela seja igualmente fraca, sob certos pontos-de-vista, e assim por diante. Na parte final deste capítulo, surge o tema mais delicado: a apresentação dos pontos de divergência existentes entre os Estados Unidos e a América Latina. O autor, muito sábiamente, se exime de comentá-los, apresentando apenas uma série de afirmações do tipo: "enquanto a América Latina em geral deseja mudanças revolucionárias, com ou sem violência, os Estados Unidos são mais moderados"; "os países da América Latina estão nas primeiras etapas do nacionalismo, um nacionalismo romântico, enquanto os Estados Unidos emergem para o internacionalismo".

Embora afirmações do tipo acima não possam ser feitas sem comentários e justificativas, pois, do contrário, nada valem, a conclusão final a que chega SILVERT é bas-

tante acertada: os Estados Unidos, em virtude de uma série de divergências, não podem ensinar seus métodos e aspirações aos povos da América do Sul, pois êstes métodos e aspirações são inteiramente diferentes daqueles que seria necessário fazer existir na América Latina.

O terceiro capítulo, "O papel da imprensa e das comunicações", é o melhor de todos. Sem dúvida, a América Latina está muito mais bem informada sobre os Estados Unidos do que êste sobre a América Latina. Os autores examinam, então, as razões deste pouco conhecimento, ressaltando frequentemente a incompreensão dos Estados Unidos em relação à América Latina e enfatizando que, se existissem mais informações sobre esta última, tôdas as mudanças e orientações políticas seriam de execução muito mais fácil.

Para ilustrar suas explicações, apresentam tabelas e gráficos e examinam o espaço e o tempo destinado pelos principais jornais e agências de informação ao noticiário sobre a América Latina.

O quarto capítulo denomina-se "O quadro econômico". Analisa taxas de crescimento, comércio, inflação, o papel do capital estrangeiro, etc. Segundo REYNOLD E. CARLSON, 90% do capital existente na América Latina provém dela mesma. Logo, apenas 10% correspondem a capitais estrangeiros. Mas, não há dúvida de que os laços que prendem mais fortemente a América Latina aos Estados Unidos decorrem do comércio e dos investimentos estrangeiros. Os Estados Unidos, por exemplo, recebem 1/5 de toda a sua importação da América Latina, enviando-

lle, em troca, 20 a 25% de suas exportações. Em defesa de suas premissas, o autor apresenta grande quantidade de tabelas, gráficos, etc.

O quinto capítulo, "Relações Diplomáticas", inicia-se com uma afirmação que, isolada, sem as necessárias justificativas e implicações, nada significa. Diz HERBERT L. MATTHEWS que "nosso poder e riqueza e a sua (da América Latina) fraqueza e pobreza, formam a base sobre a qual se desenvolve todo o drama do hemisfério". Observamos também que as explicações e as justificativas dos trâmites diplomáticos nas relações Estados Unidos x América Latina são freqüentemente tendenciosas. Sobretudo as explicações referentes à "affair" Cuba, até hoje um susto e um ponto de interrogação para a opinião pública norte-americana.

Mas, embora em determinados pontos a análise das relações diplomáticas deixe muito a desejar, em outros é feita com grande lucidez. O articulista afirma, por exemplo, e o faz muito bem, que a política americana não deixa de ser contraditória: para se defender do comunismo aceitou, freqüentemente, as ditaduras chamadas de direita, quando o clima criado por estas é justamente propício à fomentação de revoluções.

De tudo isso concluímos que o livro padece de forte ambivalência. Paralelamente a sínteses brilhantes, em que consegue captar objetivamente a realidade dos fatos e das situações, apresenta interpretações tendenciosas e por vezes erradas. Não há dúvida de que alguns artigos são bem mais objetivos e melhores do que ou-

tros. Sentimos, porém, nitidamente que, sempre que as afirmações são mais incisivas, se limitam à simples constatação.

Todavia, feita uma apreciação global do ponto-de-vista do leitor brasileiro, vemos que o livro falha quanto a seu objetivo principal. A análise apresentada não permite uma verdadeira compreensão da América Latina e das suas relações com os Estados Unidos. Permite, isto sim, que se tenha uma noção — com tôdas as falhas e deficiências que implica — de como os Estados Unidos vêem a América Latina e em que bases equacionam suas relações com esta última.

Em suma, *The United States and Latin America* é um livro que deve interessar àqueles que desejam conhecer o ponto-de-vista americano em relação à América Latina. Para todos aqueles que, por outro lado, desejarem travar conhecimento com a situação política, social e econômica da América Latina e com as suas relações com os Estados Unidos, poucas luzes poderá trazer, pois este leitor encontrará uma análise unilateral, na qual os articulistas, por mais que façam, não alcançam objetividade suficiente para examinar o lado da América Latina. — Ana Judite de Carvalho.

GERDA WALTHER. *Zum Anderen Ufer. Von Marxismus und Atheismus zum Christentum*. Otto Reichel Verlag, Remagen. 1960.

O livro é do gênero autobiográfico, porém difere de muitos trabalhos congêneres. Pela singeleza de sua narrativa e sinceridade de

seus depoimentos, lembra as *Confissões* de Santo Agostinho.

O título do livro, "Para a Outra Margem", quer aludir à figura lendária do mártir São Cristóvão, cuja imagem orna a capa e sintetiza expressivamente o longo itinerário da autora, cheio de vicissitudes, vaivéns da fortuna e transformações espirituais, desde o marxismo e ateísmo em que nasceu, a 17 de março de 1897, até sua plena integração na religião católica, pelo batismo e comunhão, em janeiro de 1944.

O trabalho não foi escrito de uma assentada. Passou por várias fases e sua elaboração se estendeu por algumas dezenas de anos. A primeira redação data de 1931, quando sobrava à autora algum tempo para escrever. O motivo para esta iniciativa, declara GERDA no prefácio, não foi um desejo vaidoso de fazer publicidade de si mesma, mas a condescendência, embora relutante, com a insistência de diversas pessoas, inclusive sacerdotes, que, pelos motivos mais diversos, argumentavam ser muito desejável que fixasse por escrito certos acontecimentos e períodos de sua vida. Dada a relutância de falar de si mesma, deu ao escrito a forma de romance intitulado *Wanderungen* (peregrinações), visando a relatar sua evolução do marxismo ateu ao cristianismo e ao reconhecimento de realidades psicológico-espirituais, supersensíveis e sobrenaturais.

Escondida durante o regime nazista, a obra foi refundida depois da guerra, e saiu do anonimato completada com novas notícias e dados, revelando maior exatidão, sobretudo nas referências a fenômenos de natureza espiritual e

mística. Esse trabalho só terminou em 1959. A autora declara ainda que visava a levar a pessoas que andam em busca da verdade, hesitantes no rumo a seguir, ou aflitas e desesperançadas, uma palavra de esclarecimento e conforto.

Em seu itinerário interior, de 1897 a 1944, foi influenciada pelos acontecimentos políticos, filosóficos, religiosos e sociais do seu tempo e entrou em contato com grande número de pessoas, da feição e orientação mais diversas, como KAUTSKY, PFAENDER, HUSSERL, STEFAN GEORGE, PRZYWARA S. J. Por mais descontraídas que fossem essas influências, no caso de GERDA WALTHER se concentravam num só foco, cuja luz penetrava no processo de sua evolução.

Inteligência privilegiada, tanto para as discussões abstratas como para a narração objetiva dos fatos, memória viva e fidelíssima, emotividade e sensibilidade genuinamente feminina, com a atenção voltada para as coisas pequenas, os pormenores, o concreto, o belo, a autora revela excepcional talento de artista e escritora. Acrescentemos a isso a sua vasta cultura científico-literária, conhecedora que era das línguas alemã, inglesa, francesa, italiana, holandesa, dinamarquesa, sueca e outras.

Nasceu em 17 de março de 1897. Teve por pais WALTHER e RAGNHILD BAJER. Seu avô materno, FREDERIK BAJER, fôra pacifista de renome e ganhara o prêmio Nobel da paz; avô e pai eram adeptos do socialismo idealista e ateus militantes marxistas, do começo do nosso século. Eram íntimos dos corifeus do socialismo, como BEBEL, os irmãos KAUTSKY e GUSTAVO LÉCKSTEIN. GERDA, portanto,

nasceu e foi criada nesta atmosfera do socialismo marxista e ateuista. Para servir aos objetivos do Partido como "agitadora", aprofundou-se, ainda estudante ginasial, nas teorias de KARL MARX, porém ficou decepcionada com a unilateralidade da sua filosofia, restringida aos aspectos econômicos da existência humana.

Ingressando na universidade, a incansável pesquisadora da verdade, estimulada pelas preleções do Professor ALEXANDER PFAENDER, que tiveram uma profunda influência sobre sua evolução ulterior, dedicou-se ao estudo da filosofia, diplomando-se em 1921, *summa cum laude*. A conselho do Professor PFAENDER, ouviu ainda as preleções do Professor EDMUND HUSSERL, em Friburgo i. Br., tendo acesso às suas conversações e lendo suas obras sobre "fenomenologia transcendental".

Por ocasião de uma viagem, leu uma tradução da *Divina Comédia*, de DANTE, e na mesma viagem teve uma experiência mística que iria marcar profundamente sua evolução espiritual.

Em 1923, falece-lhe o pai. GERDA foi obrigada a empregar-se para ganhar seu sustento, primeiro na clínica de olhos do seu irmão, servida por freiras, cuja convivência, muito benfazeja, lhe facultou assistir ao sacrifício da Missa na capelinha da clínica e a adquirir o catecismo dos cursos superiores de religião. O rosário, adquiriu-o numa loja de antiguidades.

A seguir, trabalhou como secretária de uma política de Berlim e, depois, no Ministério de Cultura de Baden e como taquígrafa na casa de Saúde de Fummingen, destinada a doentes

mentais. Ali, pôde continuar suas pesquisas psicológicas, cujo resultado expôs numa conferência sobre esquizofrenia, que lhe valeu a demissão, em virtude do protesto dos médicos enciumados pelo fato de não possuir ela um diploma.

Teve a seguir o ensejo de continuar seus estudos psicológicos sob a orientação do Professor PRINZIORN, dedicando-se à parapsicologia, em que obteve êxito extraordinário com a publicação do livro *Fenomenologia da Mística*. Entregou-se a uma atividade intensa como secretária científica do médico e pesquisador para-psicológico Dr. A. FREIHERR VON SCHRENCK-NOTZING. Editando-lhe os escritos, deu prova cabal de observadora exata dos fenômenos, como relatora objetiva e precisa das sessões e com seu juízo prudente sobre o valor e os limites das pesquisas de SCHRENCK-NOTZING.

Nos anos seguintes, encontramos-a como escritora e colaboradora em diversas revistas científicas, em viagens de conferências na Alemanha e no estrangeiro, em congressos, granjeando entre os especialistas da para-psicologia o título um pouco humorístico, mas também honroso, de "Disco para-psicológico do Mundo".

O advento do nazismo pôs termo a estas atividades. Em 1934 torna-se membro da "Anthroposophischen Christengemeinschaft" (União Cristã Antroposófica), que RUDOLF STEINER fundara.

Ao estourar a II Guerra Mundial, GERDA apresentou-se espontaneamente para a censura postal, como conhecedora de muitas línguas estrangeiras, subordinada ao Comando Geral das Forças Arma-

das, pôsto em que desejava, e de fato conseguiu, prestar muitos serviços humanitários. A leitura da correspondência de sacerdotes e religiosos ensejou-lhe ótimos conhecimentos, inclusive quanto às aparições de Nossa Senhora de Fátima, descritas no livro do Pe. LUÍS GONZAGA DA FONSECA S. J. *Maria fala ao Mundo*. Em consequência de uma denúncia falsa, foi prês, mantida incommunicável e sujeita a intermináveis interrogatórios torturantes, porém finalmente absolvida e reintegrada no pôsto.

Nova experiência interior durante uma procissão eucarística, um sermão do Pe. PRZYWARA S. J., consultas pessoais com êste eminente jesuita, acabaram de dispô-la para o batismo que recebeu em 29 de janeiro de 1944, com a maior discrição, para não chamar a atenção das autoridades nazistas. Conservando o nome de GERDA, escolheu ainda o nome cristão de GEMA JOANA TERESA MARIA. No dia seguinte, domingo, 30 de janeiro, fêz sua primeira comunhão e sua primeira confissão com o Pe. PRZYWARA.

Em todos êsses atos, confessa ela, apesar de bem preparada, sentia-se bisonha, hesitante, incerta e tímida. "Muito mais fácil parecia fazer uma conferência de improviso numa cidade desconhecida e perante um auditório estranho".

*Gerda chegou à outra margem*, após uma travessia demorada e trabalhosa.

Relata ainda, magistralmente, em dois capítulos, o drama das *vítimas dos bombardeios e afundamentos* (Untergaenge) e a entrada das tropas americanas no Natal de 1944. Nas últimas páginas narra os apelos ao desarmamento

dos espíritos e à reconciliação e compreensão mútua, reforçados pela mensagem de Pro XII.

O epílogo do livro é bastante melancólico: a Alemanha dividida, a tensão entre Oriente e Ocidente, a guerra fria, a corrida armamentista, as bombas de alto valor explosivo. E GERDA encerra seu relato com estas palavras: "Os mortos nos campos de batalha, os que se finaram na pátria, os assassinados nos campos de concentração e nas prisões — todos êles parecem perguntar-nos, recriminando-nos:

Que fizestes dos nossos sacrifícios, que lição tirastes?"

Para que nos foram êles impostos?"

Será que tudo foi em vão?"

Valeria a pena que se elaborasse um resumo dêste magnífico livro, realçando os fatores que influenciaram a alma da autora, durante êsse longo itinerário em busca da verdade. — *Leopoldo Brentano S. J.*

ALAIN GIRARD. *La réussite sociale en France*. Presses Universitaires de France. Paris, 1961.

O volume apresenta uma pesquisa destinada a estudar as circunstâncias exteriores, familiares e sociais, capazes de exercer uma influência sôbre a vida de pessoas que alcançaram êxito no domínio profissional na França.

Inicialmente, o autor apresenta os critérios de escolha das personalidades e o método empregado na pesquisa, que foi o do questionário aberto. Após um breve exame de vários estudos, entre os mais significativos, que trataram do mesmo assunto, são fixadas as

hipóteses de trabalho a serem examinadas durante a pesquisa.

Dentre as variáveis examinadas em sua possível correlação com o êxito social, devemos destacar as seguintes: verifica-se em primeiro lugar a fraca proporção de mulheres entre as pessoas que adquiriram certa notoriedade profissional e a influência do fator idade, no sentido de que a "fama" geralmente só chega após certa idade, uma vez que 95% de personalidades eminentes só chegaram a uma posição de prestígio após os 45 anos. As exceções encontram-se quase que exclusivamente no domínio artístico e esportivo.

O núcleo do estudo é destinado à verificação da influência dos fatores demográficos, geográficos e sociais propriamente ditos.

Quanto aos fatores demográficos, o autor investiga os seguintes elementos: dimensão da família, ordem de nascimento, diferença de idade dos pais, idade dos pais por ocasião do nascimento das crianças.

Em relação ao meio geográfico, são examinados o ambiente rural e urbano e as diversas regiões da França.

O ambiente social é aquele que fornece as mais fortes correlações. Com efeito, o inquérito não conseguiu elucidar a influência positiva ou negativa de diversos fatores familiares ou demográficos, como idade dos pais, região de nascimento, etc. Sob este aspecto, somente a influência favorável do meio urbano aparece com clareza, mas o fato urbano é essencialmente um fato social. Ao verificar forte número de personalidades eminentes nascidas em Paris, podemos ver implicitamente nisto a influência do

meio social. Assim, o estudo não deixa margem a dúvidas: o fator essencial que influencia externamente para o sucesso é o fator social; uma origem social elevada ou classe alta favorece os que a ela pertencem. O estudo mostra que dois terços de personalidades destacadas são originárias de classe alta, ao passo que apenas 8% são filhos de operários ou agricultores. Se isto mostra desigual oportunidade desde o ponto-de-partida, não podemos concluir ser a sociedade francesa fechada ou sem mobilidade social, uma vez que um terço de personalidades são oriundas da classe média ou de meios sociais modestos. Neste sentido o estudo chega a conclusões análogas àquelas obtidas por C. WRIGHT MILLS em seu notável estudo *A elite do poder*.

Por outro lado, o inquérito veio demonstrar certa transmissão "hereditária" das profissões (colocamos hereditária entre aspas, pois o termo aqui não tem, de modo nenhum, um sentido biológico, mas apenas social), isto é, os membros de cada profissão são recrutados principalmente no próprio meio profissional. Por exemplo, entre os médicos eminentes, 49% eram filhos de médicos.

Não podemos enumerar todas as conclusões dos autores. Só nos resta recomendar muito a leitura da obra, que é um dos mais perfeitos estudos de estratificação social já realizados. Temos aí rigor de método, riqueza de dados conceptuais, associação dos dados empíricos a várias teorias sociológicas e enquadramento das conclusões do inquérito na dinâmica da sociedade global e nos processos de mudança

social. — *Raimundo Ozanan de Andrade S. J.*

ROGELIO DUOCASTELLA. *Estudio de sociologia religiosa sobre una ciudad industrial española*. Centro de Estudios de Sociología Aplicada. (Madrid). Mataró, 1955.

Dentre os numerosos volumes dedicados à sociografia religiosa, tendo como objeto de investigação cidades ou regiões, o estudo do Dr. ROGELIO DUOCASTELLA se nos afigura como dos mais completos quanto à riqueza dos dados e rigor metodológico. O autor descreve a cidade de Mataró em seus múltiplos aspectos: ecológicos, demográficos e religiosos. Ao estudar a religião, detém-se no exame da evolução histórica das instituições religiosas, prática dominical e adaptação da Igreja à situação local.

O volume tem os méritos e deficiências de diversos estudos descritivos que permanecem apenas em um nível de enumeração de variáveis, sem buscar correlações ou servir-se previamente de algumas hipóteses diretrizes. O trabalho de pesquisa realizado, sem dúvida alguma, é rigoroso e objetivo, mas constitui apenas um prelúdio a uma interpretação sociológica realmente científica. O autor parece entreter o conceito de que uma visão global e adequada interpretação religiosa de um país serão obtidas pela realização de sucessivas monografias de diversas regiões. Neste sentido, quanto mais pormenorizadas as monografias mais científicas.

Julgamos que tais monografias serão mais ou menos inúteis para

a compreensão dos processos sociais se não estiverem baseadas em certos conceitos estruturais e funcionais. O nível de ciência em sociologia não pode permanecer apenas na análise precisa dos fatos; é necessário interpretar tais fatos, buscar antecedentes ou causas, situá-los no contexto histórico e sócio-cultural.

Em síntese: volume valioso para responder a perguntas sobre o número de bailes realizados nas paróquias, número de homens que assistem à missa das sete, locais de culto, número de capelas, número de procissões, quantidade de associações existentes, etc., mas que pouco nos informa sobre os "porquês" e as perspectivas futuras dos comportamentos sócio-religiosos. — *R. O. A.*

J. V. DAVIDSON-HOUSTON. *Russia with Your Eyes Open*. (Background Books) The Bodley Head. Londres, 1962.

De leitura agradável, tem essa obra, contudo, mais um valor turístico, do que propriamente sociológico. É interessante porque é o depoimento de quem teve oportunidade de observar pessoalmente a Rússia e os russos por quase 34 anos.

O autor examina o aspecto político, social, econômico, religioso, cultural e militar de maneira sucinta e clara. Começa pela formação racial do povo russo e análise do seu caráter. Estuda, a seguir, o governo e seu funcionamento, chegando à conclusão de que, apesar de o comunismo visar a uma sociedade sem classes, a Rússia de hoje é um país onde prevalece o sistema de privilégios e de castas.

A posição do Poder Judiciário pode-se resumir na seguinte citação oficial, que não necessita de comentários: "Let us remember that the Soviet Court is an organ of the State and that the actions of the court are one of the forms of carrying out the functions of the Socialist State".

Como em todo Estado totalitário, a polícia é muito bem organizada e as forças armadas e a indústria pesada têm tôdas as prioridades.

Em geral, os estrangeiros estão mais a par do desenvolvimento industrial russo do que da sua agricultura, apesar de 50% da população ser agrícola. Na opinião do autor, é a classe mais sacrificada e mais descontente com o comunismo. Apesar de só se conhecer o que é publicado oficialmente, e só se publicar o que há de positivo, às vêzes se deixa transparecer alguns fatos que nos dão uma idéia mais exata da situação. É o caso, por exemplo, da informação oficial de que a produção de carne de 1961 caiu de 13 % sobre o mesmo período em 1960, e da compra pelo govêrno soviético de mais de 7.000.000 "bushels" (1—35 litros) de trigo do Canadá em 1961.

O que mais chama a atenção do observador estrangeiro é a falta de harmonia no desenvolvimento industrial russo, que só dá prioridade à indústria pesada, enquanto os bens de consumo são poucos e de má qualidade.

Num outro capítulo, o autor revela a farsa que é a liberdade religiosa.

O último capítulo é todo dedicado ao turismo e ao que se pode encontrar na Rússia.

Na conclusão, o autor analisa as forças e as fraquezas da Rússia. — *E. Borges.*

H. J. P. ARNOLD. *Aid for developing countries; a comparative study. (Background Books)* The Bodley Head. Londres, 1962.

Ajuda aos países subdesenvolvidos, *latu sensu*, são tôdas as doações grátis, empréstimos a longo e curto prazo, e as simples relações comerciais. É bom que fique claro que esta ajuda não é puramente humanitária; ela promove o progresso social e econômico no país agraciado, sendo simultaneamente ocasião de investimento econômico e propaganda política para o país doador.

É sobretudo sob o ponto-de-vista dos países doadores que se processa o estudo de ARNOLD, e nisto consiste justamente seu interesse específico.

Sistematicamente o livro procura estudar os objetivos, as formas de organização da assistência prestada pelos Estados Unidos, Rússia, países ocidentais e organizações internacionais.

O objetivo político da ajuda norte-americana e russa é patente: cada um desses países procura demonstrar a excelência de seu sistema: comunista ou não-comunista.

Os dois capítulos referentes aos Estados Unidos apresentam-nos o ângulo nôvo da verdadeira "desilusão" por parte do povo norte-americano diante da política governamental. Essa desilusão é causada sobretudo pela falta de planejamento assistencial, bem como pelos poucos resultados colhidos até agora. "... os países agracia-

dos só mostram ressentimento para com um Tio Sam que, a esmo, distribui seus dólares entre os parentes pobres" (pág. 36).

No governo KENNEDY, porém, notam-se grandes transformações na política assistencial norte-americana: dá-se maior ênfase à cooperação dos países ajudados, de modo a estabelecer-se relação de assistência multilateral. Abandonada a atitude paternalista, muito se espera da compreensão desses países.

A política de KRUTCHEV em relação aos países subdesenvolvidos vem seguindo caminhos bem diferentes daqueles tomados por STALIN. Os países colônias e não-comunistas, que até 1954 eram considerados como eventuais presas do capitalismo imperialista, vêm, desde então, recebendo ajuda e estímulo da parte do governo russo. Sendo motivo último de sua política a expansão do comunismo, são incentivados todos os movimentos da *burguesia nacionalista*, procurando-se ajudá-la em suas aspirações de independência.

Propagandisticamente, deve ser notado que a ajuda soviética tem sido mais bem recebida do que aquela oferecida pelos países ocidentais. O autor aponta como causas principais: a) o fato de que, sendo a ajuda soviética muito recente, ainda não sofreu o desgaste das críticas; b) o planejamento assistencial russo, não sendo sujeito a prestações de contas anuais, como no caso dos países democratas, tem maior possibilidade de ser imediato; c) os técnicos russos, enviados em missão educativa, por estarem habituados a condições de vida rígida, aclimatam-se mais facilmente às precárias condições de

vida dos países atrasados. (Atendendo a este aspecto, o Presidente KENNEDY criou nos Estados Unidos um Corpo de Voluntários cujo objetivo primordial deve ser o de prestar assistência técnica em condições iguais às do meio aonde são enviados.)

Quanto ao montante real da ajuda soviética, os dados estatísticos demonstram existir uma diferença apreciável entre a assistência atualmente prestada e a propaganda dela feita: na maior parte das vezes, essa assistência se faz por troca de benfeitorias (como no caso da Rússia e Birmânia), a termos médios de empréstimos. Os donativos propriamente ditos não são frequentes.

Tôda a obra de ARNOLD é minuciosa na descrição das várias formas de ajuda que segue cada país estudado, bem como as agências internacionais.

Pensamos encontrar neste livro boa fonte para avaliação lúcida daquilo que se chama "ajuda aos países subdesenvolvidos". Não pretendendo realizar obra apologética, o autor preocupa-se em fornecer detalhes técnicos e estatísticos. Mas, se dos dados ressalta uma evidente superioridade quantitativa e qualitativa por parte da assistência ocidental, conclua o leitor brasileiro que posição deve assumir no debate ideológico-econômico em que o problema é envolvido. - T. Guimarães Ferreira.

MENDE TIBOR. *La Chine et son Ombre*. Tradução do inglês por MAGDELEINE PAZ. Editions du Seuil. Paris, 1960.

A nova China, embora ainda encerrada em suas muralhas, nos é

revelada através d'êste livro, fascinante e de fácil leitura, redigido em vigoroso estilo jornalístico de alto gabarito. Na primeira parte o autor procura analisar os fundamentos da revolução chinesa calçada no modelo da URSS. A revolução chinesa não se baseou apenas em causas econômicas. Recorreu a uma verdadeira esperança messiânica. Assim, a revolução comunista chinesa é realmente um processo ideológico em marcha e, dentro do figurino de todo sistema totalitário, justifica os meios pelo fim último.

Nesta linha de idéias, o autor revela tôda a preocupação dos revolucionários chineses em "dobrar" o povo através de uma propaganda partidária total, no sentido de penetrar sua vida em tôdas as dimensões, transformando-lhe a própria mentalidade, disciplinando-lhe a própria maneira de pensar.

O autor analisa igualmente a posição da política interna da China, o tema candente de suas relações com a URSS, o seu planejamento econômico tendente a transformar o país em uma nação industrializada. Os erros, avanços e recuos de um govêrno que, tomando a URSS como modelo, quer ideológico, quer econômico, chega à conclusão de que a emancipação econômica da China deveria seguir um caminho próprio: da indústria para a modernização da agricultura e do campo.

Na segunda parte, o livro apresenta a posição da China em relação ao seu vizinho mais próximo, a URSS, e em relação ao Ocidente.

A teoria política dos líderes chineses, em resumo, se orienta segundo duas linhas: a teoria das

contradições e o centralismo democrático. Estes dois princípios, harmônicamente articulados, lembram a antiga concepção chinesa do Yui e do Yang, evocando ao mesmo tempo o ritmo cósmico e a dualidade fundamental de tôdas as coisas.

O autor estuda êsses princípios reportando-se às fontes autênticas do pensamento de dirigentes chineses, especialmente LIN SHAO-CHI e MAO TSÉ-L'UNG.

A verdadeira orgia de críticas e auto-críticas, as grandes campanhas ideológicas, constituem um método intencional para levar o povo a superar seu sentimento de inferioridade, insegurança e, assim, transformar-se em verdadeira força criadora. Esta segunda parte do livro é, sem dúvida, uma das mais interessantes para aquêles que se preocupam com o estudo do processo ideológico chinês e oferece boa contribuição para a sociologia do conhecimento. Termina esta parte com o retrato de uma China que se transforma vertiginosamente, não unicamente preocupada com o seu processo econômico, mas fortemente interessada em preparar-se para uma possível guerra que lhe venha conferir uma posição clara e definida no sistema de forças internacionais.

Na terceira parte, é examinado o problema da China na sua composição étnica e nas dificuldades que enfrenta para conseguir que todo o seu mundo tão diverso se unifique e que o tradicional nacionalismo das minorias seja suplantado por uma lealdade supranacional a um Estado socialista e multi-racial. Em côres vivas o autor nos põe em contato com alguns dos muitos problemas do Tibet, da

Manchúria, da Tartária e Turques-tão Chinês das grandes estepes. Algumas das riquezas dessas regiões são vitais para uma China que demográficamente não pode prescindir da utilização das mesmas. O dinamismo chinês exige mais espaço e a China da Ásia Central quando industrializada se tornará o centro de gravidade do Continente asiático com possíveis problemas para o futuro político da Ásia do Sul e até mesmo do Oriente Médio. Quando o povo chinês atingir determinado nível de vida intelectual e material, criará problemas explosivos que, para TIHOR MENDE, terão de ser resolvidos pelos dois Estados comunistas mais poderosos, a URSS e a China.

Passa o autor, em seguida, a conjecturar sobre o futuro desse imenso país, partindo da observação do seu esforço impressionante, capaz de levá-lo a recuperar-se do milenar atraso. Vários problemas são notados: comunicações, transportes centrais elétricos, industrialização, ensino, fome, agricultura, numa descrição versátil, mas documentada, que, em largos traços, apresenta a nova China. Embora todo seu esforço não corresponda ao que é apresentado pela propaganda comunista, é inegável que o poderio industrial elaborado pela China cresce mais rapidamente que em qualquer outro país subdesenvolvido e bem mais rapidamente que na própria União Soviética. Essa realidade traz consigo um impacto psicológico e político que fará a China crescer como uma sombra, fê com êste título que o autor inicia a quarta e última parte do livro — sombra que se

estenderá diluída sobre os três continentes.

Sombra, porque para os países subdesenvolvidos se apresenta como o modelo ideal, tendo partido do ponto em que esses se encontram. Sombra porque, necessariamente, seu comércio invadirá o mundo através de uma estratégia intencional, visando aos países subdesenvolvidos que hoje procuram libertar-se de qualquer colonialismo e do Ocidente. Sombra, porque entre as duas maiores potências mundiais já se insere uma China que, no futuro, formará o triângulo decisivo dos destinos, talvez, da nossa civilização.

Em resumo: *La Chine et son Ombre* é uma obra objetiva, realista. O estilo fluente do autor prende a atenção e ameniza os aspectos mais áridos de natureza técnica e documentária.

Vemos diante dos olhos desentrolar-se, como num filme, a China comunista, com seus horrores e méritos, mas em seu processo de transformação forçado, dirigido, apresenta-se realmente como uma sombra que oprime tanto aos que de longe a observam como deve oprimir os que nela vivem. — M. G. Nin Ferreira.

LORD WALTON. *Agriculture under communism*. (*Background Books*) The Bodley Head. Londres, 1962.

Num momento em que se debate e discute a reforma agrária no Brasil, esta é uma obra de real interesse. Sóbria e despretensiosa, nem por isso deixa de nos trazer uma contribuição valiosa da experiência de outros países.

LORD WALTON expõe o assunto na condição de verdadeiro perito, situando o problema, desde o início, dentro de uma linha realista e humana: o valor essencial da agricultura e os justos direitos dos agricultores.

Antes de mais nada, a agricultura é a base de toda e qualquer riqueza humana, não podendo ser relegada a segundo plano, apesar da crescente industrialização na economia atual. Esta verdade se evidencia principalmente para aquelas nações onde a riqueza, traduzindo-se ainda em termos de maior posse da terra, assume caráter de poderosa força política.

É preciso ter em mente a verdade de que o empobrecimento de um só povo, em questão dos bens primários de alimentação, virá forçosamente afetar o bem-estar de todo o globo. Sendo incontestável o crescimento demográfico de nosso planeta, em proporção maior do que o da produção de gêneros, urge, por isto mesmo, nos preocuparmos em melhorar sempre as técnicas produtivas; urge estudar as inovações introduzidas em todo e qualquer país, para difundi-las e adaptá-las com o discernimento exigido, em toda parte.

“Mas, ainda que, da aplicação de um novo sistema, resulte maior eficiência, maior produção de alimentos, não seria justificável tratar os seres humanos implicados nesta tarefa como inanimadas figuras de xadrez. Mudanças e melhoramentos devem ser introduzidos, mas é dever de inovador certificar-se de que, com essa mudança e esses melhoramentos, os cultivadores venham a ter, simultaneamente, uma vida melhor e mais feliz” (pág. 14).

Este livro trata justamente dos problemas e soluções aferidos pela introdução de um sistema — o comunismo — na Rússia e em diversos outros países. Não é êle, apenas, um relato seco de novas técnicas e novas políticas econômicas, mas, sobretudo, uma história das varias reformas agrárias, cujo êxito ou malôgro depende tão estreitamente do fator humano, com sua atitude de cooperação ou resistência.

Como não pretendemos roubar ao leitor a oportunidade de um julgamento direto, poremos em relevo neste resumo alguns traços das histórias agrárias da Rússia, Alemanha e China.

\*

Até o século XIX, o cenário político e social da Rússia foi mais ou menos idêntico ao de todos os países europeus: pressão tirânica sobre os trabalhadores rurais, extorsões, enfim, uma situação que justificava as constantes explosões de revolta. Não admira, portanto, que o comunismo de MARX, prometendo ao trabalhador o direito de colher e gozar dos frutos do próprio trabalho, viesse encontrar seara tão fecunda na Rússia, onde por mais tempo que em outros países se prolongou a opressão dos poderosos. A revolução comunista de 1917 era a resposta às apirações de enorme parte da população russa.

A prometida distribuição de terras, em 1919, concedendo a todos pequena propriedade, determinou perigosa queda da produção agrícola: é que o pequeno proprietário,

mal produzindo para consumo próprio, não podia destinar excedente algum para o mercado das cidades. Por essa razão, em 1922, o governo soviético adotou nova política econômica: incentivo às grandes propriedades. Este retorno a um sistema "capitalístico", ainda que ditado pela necessidade (era muito mais fácil e produtivo lidar diretamente com o grande proprietário do que com o pequeno), marcou o início de uma luta surda do Estado não só contra os *kulaks* (camponeses latifundiários), mas contra todos os camponeses. Era preciso comunizar o país, acabar com a propriedade privada, mas era também necessário suportar por algum tempo o espírito de autonomia do homem do campo, que, ao contrário do operário citadino, resistia sempre à coletivização. Durante estes últimos 43 anos, o Estado vem procurando coletivizar o camponês, introduzindo sempre novas reformas agrárias. E se, hoje em dia, o produto agrícola apresenta resultado relativamente satisfatório, permanece latente a inquietação provocada pelo constante espírito de liberdade próprio ao homem do campo.

A Alemanha apresenta a particularidade de ser um país único, com o mesmo passado histórico, mas onde se conhece simultaneamente o resultado da aplicação de dois sistemas: o comunista e o não-comunista. Apesar de ser o lado Oriental Alemão constituído pelas regiões mais férteis e ricas em todo o país, demonstram os dados estatísticos um progresso maior na Alemanha Ocidental. O sistema comunista tem mantido a

quota da produção agrícola abaixo de suas reais possibilidades, e tem falhado flagrantemente na contribuição para a felicidade do povo, como bem o demonstram as contínuas fugas do lado oriental para o ocidental.

O problema da China diverge bastante do problema dos países antes mencionados. A China jamais viveu sob um regime latifundiário; era uma colcha de retalhos de terra cultivados pelas famílias, para seu uso próprio. A finalidade do comunismo seria, pois, o de coletivizar, e não o de dividir. Mas, ainda uma vez, nesses últimos anos, diante da falência da política de coletivização absoluta, foi necessário estimular a exploração de propriedades privadas. Cabe referir, porém, que os resultados do comunismo na China apresentam um saldo bem mais positivo. A China vivia anteriormente em situação de absoluto desleixo por parte do governo.

A título de comparação, LORD WALTON apresenta-nos, por fim, o exemplo de um país cuja agricultura se vem adiantando espantosamente neste século, sob regime não comunista: o Sudão, antiga possessão britânica, atualmente independente.

Na planície de Gezira, no Sudão, verificamos um caso de feliz cooperação entre o Estado, o capital e o trabalho, num plano de tal modo eficiente que em trinta anos de execução decuplicou a área cultivável. O Estado, o capital e o trabalho uniram suas forças, organizada mas livremente, a fim de transformar uma região cuja fertilidade era limitadíssima, por falta de irrigação sistemática, num centro de progresso econômico e so-

cial, beneficiando a todos e cada um, num raio de ação cada vez maior.

As conclusões do autor são, mais uma vez, palavras de verdadeiro especialista. Sua obra, concisa e despretensiosa, é bastante útil a todos aqueles que, em países como o Brasil, em vias de desenvolvimento, se preocupam por

um bem-estar econômico real, sem desleixar a felicidade individual. É com absoluta imparcialidade que LORD WALTON aponta as vantagens e desvantagens do comunismo, levando em conta não apenas a realidade atual de cada país onde foi implantado, mas também a evolução que atravessou o mundo de todo desde o século passado.

## OUTROS LIVROS RECEBIDOS

*Além dos livros comentados nesta seção, foram também recebidos os que figuram na relação abaixo. Ao assinalá-los à criteriosa atenção dos nossos leitores, apresentamos aos autores e editores os melhores agradecimentos da redação da revista, pela gentileza da remessa.*

### Demografia

VÁRIOS AUTORES. *Characteristics of Overseas Migrants*. Government Printing and Publishing Office. Haia, 1961. 319 págs.

MARCEL REINHARD e ANDRÉ ARMENGAUD. *Histoire Générale de la Population Mondiale*. Editions Montchrestien. Paris, 1961. 597 págs.

LEVY CRUZ. *Migração para o Recife*. IV. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Recife, 1961. 158 págs.

### Política

AGNELLO UCHOA BITTENCOURT. *Aspectos Sociais e Políticos do Desenvolvimento Regional*. Sergio Cardoso & Cia. Ltda. Manaus, 1962. 83 págs.

OTAN. *Documentation sur l'Organisation du Traité de l'Atlantique Nord*. Otan — Service de

l'Information. Paris, 1962. 352 págs.

GUNNAR MYRDAL. *O Estado do Futuro*. Zahar Editôres. Rio de Janeiro, 1962. 278 págs.

RICHARD I. MILLER. *Dag Hammarskjold e a Diplomacia de Crise*. Editôra Letras e Artes. Rio de Janeiro, 1962. 344 págs.

### História Política e Social

JOHN F. KENNEDY. *President-Profiles in Courage*. Cardinal Edition. Nova York, 1961. 233 págs.

DWIGHT D. EISENHOWER. *Crusade in Europe*. Doubleday & Company, Inc. Nova York, 1961. 550 págs.

BERGEN EVANS. *The Natural History of Nonsense*. Vintage Books. Nova York, 1958. 262 págs.

PETER FLEMING. *Brazilian Adventure*. Charles Scribner's Sons. Nova York, 1960. 412 págs.

- CAROLINA NABUCO. *A Vida de Virgílio de Melo Franco*. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1962. 258 págs.
- BRÍGIDO TINOCO. *A Vida de Nilo Peçanha*. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1962. 291 págs.
- OLIVIAM JOSÉ. *A Abolição em Minas*. Editôra Itatiaia Limitada. Belo Horizonte, 1962. 169 págs.
- IRMÃ MARIA REGINA DO SANTO ROSÁRIO O. C. D. *O Cardeal Leme*. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1962. 478 págs.

### Sociologia

- VÁRIOS AUTORES. *Gilberto Freyre: sua Ciência, sua Filosofia, sua Arte*. Livraria José Olympio Editôra. Rio de Janeiro, 1962. 576 págs.
- ORACY NOGUEIRA. *Família e Comunidade*. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro, 1962. 541 págs.
- PAULO DOURADO DE GUSMÃO. *Teorias Sociológicas*. Editôra Fundo de Cultura. Rio de Janeiro, 1962. 306 págs.
- C. VAN GESTEL. *Introduction à l'Enseignement Social de l'Eglise*. La Pensée Catholique. Bruxelles, 1962. 158 págs.
- F. A. HAYEK. *The Constitution of Liberty*. Routledge & Kegan Paul. Londres, 1960. 570 págs.
- ALCEU AMOROSO LIMA. *Cultura Interamericana*. Agir Editôra. Rio de Janeiro, 1962. 60 págs.
- FRANCISCO HOUTART. *La Iglesia Latinoamericana en la Hora del Concilio*. Oficina Internacional de Investigaciones Sociales de Feres. Friburgo (Suíça), 1962. 62 págs.

- ASOCIACIÓN VENEZOLANA DE SOCIOLOGÍA. *VI Congreso Latinoamericano de Sociología*. Memoria Tomo I. Imprenta Nacional. Caracas, 1961. 455 págs.
- BRONISLAW MALINOWSKI. *A Scientific Theory of Culture and Other Essays*. Oxford University Press. Nova York, 1960. 228 págs.
- GEORGE C. HOMANS. *The Human Group*. Harcourt, Brace and Company. Nova York, 1950. 484 págs.

### Economia

- JACQUES DE BANDT. *Dimension du Marché et Optimum de Production*. Editions E. Nauwelaerts. Louvain, 1962. 229 págs.
- LENITA CORRÊA CAMARGO. *Política dos Negócios*. Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1962. 177 págs.
- SERVIÇO SOCIAL RURAL. *Desenvolvimento Municipal e Níveis de Vida do Espírito Santo*. Conselho Regional do Espírito Santo. Vitória, 1962. 375 págs.
- ALCEU AMOROSO LIMA. *O Gigantismo Econômico*. Agir Editôra. Rio de Janeiro, 1962. 46 págs.

### Estatística

- HARALD CRAMÉR. *The Elements of Probability Theory and Some of its Applications*. John Wiley & Sons. Nova York, 1959. 281 págs.
- HARALD CRAMÉR. *Métodos Matemáticos de Estadística*. Aguilar S. A. Madrid, 1960. 660 págs.